



Kellen Cristina Silva, Universidade Federal de São João Del Rei

Título da comunicação: *A Mercês Crioula – Estudo social sobre a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos da Vila de São José e sua iconografia pictórica*

Resumo: Durante muito tempo as imagens estiveram atreladas exclusivamente ao campo da História da Arte, analisadas puramente pelo viés estético, sendo ignorado seu potencial como fonte histórica para diversos estudos dentro do campo sociocultural, visão que começou a se modificar com a consolidação da *Escola dos Annales* e com os pesquisadores do *Instituto Warburg*. A Iconologia de Erwin Panofsky é um método teórico-metodológico que consegue conjugar História da Arte e os estudos históricos, uma vez que toda obra de arte deve ser analisada justaposta a elementos sociais, econômicos e culturais. Sendo assim, nosso trabalho encontra-se atrelado aos estudos sobre o Brasil colonial, tendo como recorte geográfico Minas Gerais, especificadamente a Vila de São José, pertencente à famigerada Comarca do Rio das Mortes, durante os anos de 1793 a 1824. Nosso objeto de pesquisa é a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos, composta por escravos alforriados, alocada na igreja da dita padroeira, e sua relação com o processo de pintura do teto da nave e capela-mor. Para unir em um só trabalho características artísticas, econômicas e culturais, partimos da imagem de teto da dita irmandade para formular nossas perguntas. O mundo colonial durante os anos de nosso recorte temporal passava por mudanças, sobretudo a Comarca do Rio das Mortes, que declinava na exploração aurífera ao passo que crescia em outros setores, como no comércio e na agricultura. Aliado a esses aspectos econômicos, os membros das irmandades eram influenciados pelo sentimento cristão que proliferava na arte colonial, que estava imbricada às vivências do cotidiano. Em torno do campo religioso se solidificaram hierarquias sociais que, em meio à pompa das procissões e das festas das irmandades, seguiam as diretrizes da Igreja Tridentina. Cabe lembrar que essa arte religiosa era também um mecanismo de manifestação de poder e distinção econômico-social. Para atestarmos empiricamente as características socioeconômicas da

irmandade e sua relação com a iconografia, utilizamos da documentação eclesiástica, sobretudo os livros de entrada de irmãos, de receita e despesa, e óbitos; documentação cível como inventários e testamentos, além da documentação disponibilizada pela Torre do Tombo por meio do Projeto Resgate. Através desta análise, pretendemos apresentar os resultados do mestrado intitulado “*A Mercês Crioula – Estudo iconológico da pintura de forro da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês dos Pretos Crioulos de São José Del Rei – 1793-1824*”. Defendemos a ideia de que os comitentes e artistas não se limitavam em copiar os esquemas imagéticos europeus, mas ao contrário, que negociavam entre si a iconografia que desejavam, podendo ou não alterá-la. Essa iconografia, que deveria seguir os padrões tridentinos, conteria, entretanto, influências socioculturais, como os intuítos daqueles que a encomendavam. Além desta problemática, o trabalho se propõe também a apresentar a biografia do pintor do teto, Manoel Victor de Jesus.

Palavras-chave: Iconologia; Irmandade; pintura.